

O ÁTOMO, NO TÁLAMOPércio Faria Rios¹

o Átomo,
no tálamo:

alças de pedra, perdura a
alma
na religião
do abismo.

Eis o teu templo:
pronúncia,

seres (começos de
seres). Ali

habitas
quando, com a cerca viva,
te reergues. Tocas
teu jazigo-livro: os
sons dos anciãos bocejam júbilo.

¹ Mestrando em Literatura Portuguesa pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Trabalha com Álvaro de Campos, Paul Celan, Friedrich Hölderlin, um pouco com Walt Whitman, Rainer Maria Rilke, e escreve poesia, entre outras coisas.

BOCA

Pércio Faria Rios

Boca, ao falares "lençóis, ovulas, frenesi",
De tua escalavradura a enumerar
O ser (dos seres de tua boca),
Gigantes touradas de búfalo
Invadem-me o intelecto.
Descalça, uníssonas boca
Descalça de raiva no mundo,
Ao falares-me "nódoas tingidas nos olhos",
Roxa, contrária a ti própria,
Distorces-te a cor de ser boca, e
Distorces-me a cor do falar...

Estás à revelia de ti mesma, boca,
Autodestrutiva boca...
Quando falas-me "boca, boca a boca",
Roubada de ti no ser boca,
Aerada e respiratória
Boca,
Ensinas-me a nudez de teu silêncio,
Ensinas-me o silêncio da nudez...

Boca a quem tudo falta, quando falas "...",
Que nada falas é ninguém ouvir-te no teu não falares,
Que nada enxergas é só teres olhos pro teu próprio escuro,
Que nada andas é sobrar-te areia (pernas e vigílias).

Longe é teu verniz, boca!
Longe é tua jornada!
Nada foge à tua estátua adiantada!
Nem à tua realçada cerviz!

Dai-me fôlego para morrer, oh boca,
Quando soprareis portos lógicos nos meus ombros.
Dai-me fôlego para viver, oh boca,
Quando ensinares-me a morrer tua morte.

Boca,

Boca,
Boca...

Boca, boca, boca, boca...

Que mistério saliva-te os cantos da boca, boca,
Ao perderes o fôlego lendo as leituras?

Nunca saberei e sinto
Que não saberei nunca...

Como estranho-te como palavra, boca,
De tanto repetires-te, ao meu ver!

AMADO AMIGO CONFABULADOR

Pércio Faria Rios

Amado amigo confabulador,

como esperava-te na noite outra, e tanta ardência ainda havendo, dado que eras, e, assim, esperava-te, como o coveiro de minha língua morta –

(porque antes de predizeres a carta que não era para ninguém... muito antes de espreitares coisa alguma, enquanto coisa alguma te esperava à espreita... de estares cego para o destino que estava cego para ti...) sobre a sua lousa estenderias, a lousa de minha língua morta, contra selva e senda de papel em branco, testamento que se deixa no testamento estranho, a tela oca da exigência sem memória a dar ocasião de vida à pedra atonalíssima.

-

Lúcido, ouvi as tuas pegadas quando injurieei,
não sem razão,
a árvore de meu torpor, em
seus rangidos, galhos,
vagens, articulações e pássaros da noite,
presente, folhas, passado,
futuro e casca,
ao se fazer, diante de mim, passar por ti.

Prévia do meu sonhar-te afoito,
mola tensionada do meu tatear-te a veras,
nunca pude desconhecer a parvoíce
e o vazio de minha
religião-desespero,
quando madeira ao vento, e seiva,
que só podiam ser um soprar do espírito,
imitavam-me a música de teus pés.

-

Ah, como desejei morar no árido deserto de outra morte! E idolatrei Jesus a enraivecer contra a figueira. De que Clorinda incerta eu me acercava agora, não sei, vingando-se de mim no meu querer poder calar a noite, arrancar-lhe a goela madrugada afora enquanto tu não vinhas, e inventar as leis que a arrastassem ao centro de seu destino trágico.